



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

**A escola como um dos pontos de negociação: Uma análise a
partir de um grupo de intervenientes da Escola secundária
“Graça Machel”, Maputo**

Candidato: Henrique Plácido Chissano
Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Dezembro de 2019

**A escola como um dos pontos de negociação: Uma análise a partir de um grupo de intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel”,
Maputo**

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa apresentado no Departamento de Arqueologia e Antropologia em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

O candidato

Henrique Plácido Chissano

O supervisor

O presidente

O oponente

Maputo, Dezembro de 2019

Declaração

Declaro que este Projecto de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo da pesquisa e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer que seja grau académico.

Henrique Plácido Chissano

Maputo, Dezembro de 2019

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a minha família pelo incentivo e amizade. Em especial ao meu pai Ruí Chissano e ao meu avô Alberto Chissano pela amizade, compreensão, paciência, carinho, amor e credibilidade. Sempre serão a minha inspiração e motivação para seguir em frente.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus todo-poderoso pela vida e saúde. Ao meu avô Alberto Chissano pelo apoio incondicional, afecto, carinho e incentivo durante os quatro anos de formação. Agradeço aos participantes do estudo que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Ao Emídio Gune, orientador deste projecto de pesquisa pelas correcções, sugestões, críticas, incentivos, confiança, conselhos e disponibilidade em todos os momentos da pesquisa. Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que incansavelmente contribuíram para a minha formação.

Aos meus pais, Rui Plácido Alberto Chissano e Cidália José Maxlhope por me ter mostrado o mundo e ensinado a respeitar os “outros”. Aos meus irmãos e primos.

As minhas tias, pela companhia e carinho que sempre proporcionaram-me durante a estadia em Maputo. Aos meus padrinhos Júlio Siteo e Isabel Malhope pelo apoio moral e material.

Agradecimentos extensivos aos meus colegas da turma de 2015 a 2018 em especial aos meus amigos Alberto Macuvele, António Zumba, Atália Tomás, Belarmina Tamele, Cadry Mussagy, Eufrásia José, Hermínio Manhiça, Orlando Quive, Percilia Inguane e Quiséria Toalha.

Aos professores da Escola Secundária “Graça Machel”, por terem permitido a minha estadia no recinto escolar. O meu agradecimento vai para o professor Amade, professor Dércio, professora Flávia e a a todos que ajudarem-me a realizar a presente pesquisa directamente ou indirectamente.

A todos vocês meu muito *Khanimambo!*

Resumo

O presente trabalho analisa a interacção social no contexto escolar. Da literatura analisada sobre interacção social no contexto escolar identifiquei três perspectivas. A primeira analisa o que acontece na sala de aula. A segunda analisa o que acontece na escola e a terceira analisa o que acontece dentro e fora da escola. Se por um lado essa literatura permite compreender a interacção social dentro e fora da escola, por outro lado fica por compreender as negociações decorrentes dessa interacção dentro e fora da escola.

Diante das referidas limitações, realizei uma pesquisa etnográfica entre intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel” (ESGM) a partir da qual compreendi que existem três tipos de negociação entre os participantes. Um primeiro no qual os participantes negociam estratégias de estudar em grupos e reterem a matéria. Um segundo no qual os participantes negociam notas e a passagem de classe. E um terceiro no qual os participantes negociam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”.

Diferentemente dos estudos que analisam a interacção na escola e fora da escola, e que descrevem o processo de negociação para resultados pedagógicos e extra-pedagógicos, ao revelar a existência de intervenientes que negociam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”, este projecto apresenta uma hipótese que alarga nossa compreensão sobre o processo de negociação em contextos escolares”.

Palavras-chave: Negociação, interacção social e sociabilidade.

Índice

Declaração	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1. Introdução.....	1
2. Algumas tendências de explicação da interação no contexto escolar.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	9
3.1. Enquadramento teórico.....	9
3.2. Conceptualização.....	9
4. Metodologia.....	11
4.1. Procedimentos metodológicos	11
4.2. Etapas da pesquisa	11
4.3. Selecção dos participantes da pesquisa	12
4.4. Processo de recolha, registo, tratamento e análise de dados	12
4.5. Constrangimentos no processo de recolha de dados	13
4.6. Perfil dos participantes da pesquisa.....	14
5. A escola como um dos pontos de negociação	16
5.1. Localização e caracterização do contexto da pesquisa.....	16
5.2. As negociações	18
5.2.1. Os alunos que negoceiam estratégias de estudar	18
5.2.2. Espaço de negociação de passagem de classe	21
5.2.3. Negociação de acesso a contextos da “drenalina”	27
6. Considerações Finais	35
Referências	37

1. Introdução

Neste trabalho analiso o sentido que intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel” expressam sobre suas experiências com processo de negociação no contexto escolar. Sempre tive interesse em estudar assuntos ligados a escolarização, daí advém a escolha do tema para o trabalho de culminação de estudos, e a realização da pesquisa na área da escolarização.

O meu interesse em estudar processo de negociação na ESGM surgiu pelo facto de em conversas com alunos da mesma escola, entre Junho e Novembro de 2018, terem mencionado diversas vezes que as alunas passavam de classe porque compravam notas e namoravam com seus professores.

Ainda de acordo com os referidos alunos, alguns negoceiam estratégias de estudar para atingirem objectivo traduzido na aquisição de conhecimento que permite-os o nível escolar desejado, outros compram notas e negoceiam formas de pagamento e outros negoceiam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”.

Da literatura analisada sobre interacção no contexto escolar identifiquei três perspectivas. A primeira das quais analisa a interacção professor-aluno na sala de aula e explica que existe acção inicial do professor, debate entre alunos e no fim o professor dá a síntese (Aquino, 1996; Freire, 2000; Gil, 1990; Mello, 1975; Ribeiro e Bregunci 1986). A segunda analisa-a na escola e explica que a interacção social permite que haja negociações entre professor-aluno (Fernanda, 2009; Gadotti, 1999; Jorge e Lopes, 2005; Maciel e Raposo, 2005; Martins, 2015; Mollo 1969; Müller, 2002; Palma, 2004; Freire 1987) e a terceira analisa a interacção fora e dentro da escola e explica que os alunos negoceiam para terem sucesso pedagógico e extra-pedagógico (Amâncio 2013; Chambisso 2017).

A referida literatura permite compreender a interacção dentro e fora da escola como lugares onde os alunos objectivam ter sucesso por via do alcance de melhores níveis académicos e dos alunos que fazem sucesso na escola. Apesar das pesquisas realizadas por Amâncio (2013) e Chambisso (2017) descreverem o processo de negociação para ter sucesso pedagógico e extra-pedagógico, é relevante ver outros contextos e o investimento feito nessa negociação para ter acesso a outros contextos.

Em linha com as ideias de (Amâncio 2013; Chambisso 2017) sobre a interacção no contexto escolar, neste trabalho interrogo experiências dos participantes com o processo de negociação que estabelecem no quotidiano. E para responder a esta inquietação realizei uma pesquisa etnográfica entre intervenientes da ESGM, na cidade de Maputo.

Com base nos resultados da pesquisa com participantes da ESGM compreendi que existem três tipos de negociação. Um primeiro no qual os alunos negociam estratégias de estudar na escola e fora da escola em grupos e reterem matéria leccionada na escola, tiram notas que garantem a passagem de classe, essa negociação é marcada por respeitar as normas, colegas, professores e Guardas. Um segundo no qual os intervenientes negociam as notas e formas de pagamento e passam de classe, envolvendo várias moedas de troca como explica Amâncio (2013). Um terceiro no qual intervenientes negociam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”.

Os resultados da presente pesquisa podem servir para compreender o que os intervenientes valorizam no quotidiano escolar. A referida compreensão pode ser usada para contribuir no desenho de políticas, estratégias que visam melhorar políticas educacionais que regulam a escola, tendo em conta o que acontece no dia-a-dia dos intervenientes na escola.

O presente trabalho está organizado em seis partes. A primeira é a introdução em que apresento a problemática da pesquisa e a estrutura do trabalho e na segunda apresento a revisão de literatura. Nesta parte do trabalho mostro as principais linhas de reflexão sobre o assunto aqui abordo.

Na terceira parte apresento a orientação teórica e conceptual e, na quarta parte descrevo os procedimentos metodológicos. Nesta parte apresento os métodos e as técnicas usadas na recolha, tratamento e análise de dados e os constrangimentos enfrentados no processo de recolha de dados. No final desta secção apresento o perfil dos participantes da pesquisa. Na quinta parte descrevo os contextos da pesquisa. Na sexta parte analiso os dados. Nesta secção apresento a escola como um dos espaços de negociação e descrevo os três tipos de negociação encontrados durante a pesquisa etnográfica. Na sétima e última parte apresento as considerações finais do trabalho.

2. Algumas tendências de explicação da interação no contexto escolar

Da literatura analisada sobre interação no contexto escolar identifiquei três perspectivas. A primeira analisa a interação professor-aluno na sala de aula e explica que o professor é quem introduz os assuntos a serem tratados na aula, há debate entre alunos e no fim o professor dá a síntese (Aquino, 1996; Flávio Freire, 2000; Gil, 1990; Mello, 1975; Ribeiro e Bregunci, 1986).

A segunda analisa a interação professor-aluno na escola e explica que a interação permite que haja negociações entre professor-aluno (Fernanda, 2009; Gadotti, 1999; Jorge e Lopes, 2005; Maciel e Raposo, 2005; Martins, 2015; Mollo, 1969; Müller, 2002; Palma, 2004; Paulo Freire, 1987). E a terceira analisa a interação dentro e fora da escola, e explica que o sucesso escolar torna-se possível por via de negociações pedagógicas e extra-pedagógicas (Amâncio, 2013; Chambisso, 2017).

Um dos autores que cabe na primeira perspectiva é Freire (2000). Para Freire (2000) a interação na sala de aula toma o professor como agente responsável pela gama de relacionamentos, e a interação deve-se à competência do professor. Freire (2000) explica que a interação é composta por três faces que cooperam igualmente para o desempenho da aprendizagem: há a ação inicial do professor, uma reação aluno-aluno, e a reação final do professor.

Ainda de acordo com Freire (2000) no ato social da sala de aula, alunos e professores são participantes, como condição essencial para actuarem neste contexto, aprendem a operarem nas estruturas de participação do evento social da sala de aula. Se por um lado as ideias de Freire (2000) permitem perceber que na interação professor-aluno na sala de aulas o professor inicia a discussão sobre um determinado tema, os alunos reagem e depois o professor dá a síntese, por outro lado perde de vista uma série de negociações que torne a interação dos intervenientes acessível dentro e fora da escola.

Com ideias parcialmente distintas as de Freire (2000), Ribeiro e Bregunci (1986) explicam que a interação em sala de aula é estabelecida em cinco variáveis relevantes na análise do comportamento e visão do aluno em relação ao professor que são: poder legítimo ou institucional, poder de coerção, poder de recompensa, poder especializado e poder referente.

Adicionalmente Ribeiro e Bregunci (1986) explicam que os alunos recebem pressões em sala de aula, pois o professor orienta os alunos para realizarem os exercícios na sala e amplia sua esfera de influência, pela prescrição de deveres e trabalhos extra - classe. A resposta a essas pressões é passiva ou rebelde.

As ideias de Ribeiro e Bregunci (1986) permitem compreender as cinco variáveis relevantes na análise do comportamento do aluno em sala de aula em relação ao professor e tem um poder de coerção, por outro lado fica por compreender o comportamento do aluno em relação ao professor em sala de aula e as negociações que decorrem na sala de aula e fora dela.

Na mesma linha de abordagem de Ribeiro e Bregunci (1986), Gil (1990) fez revisão de diferentes pesquisas realizadas sobre interação professor - aluno, e verificou a existência de dois grandes grupos de trabalhos que distinguem-se pela ênfase dada ora ao rendimento do aluno, e ora às características da interação professor - aluno. A explicação de Gil (1990) permite perceber que esses estudos consideravam a interação professor - aluno como objecto de estudo, mas a maioria tratava apenas da influência do comportamento verbal do professor sobre o aluno, por outro lado perde de vista o espaço de negociação resultante da interação social.

A semelhança de Gil (1990) Aquino (1996) faz ressalvas às formas de abordar o tema, pois nos diferentes enfoques dados nas pesquisas, há uma clara evidência da influência do professor no desempenho dos alunos e irrelevância na influência do aluno na conduta do professor. Diante disso, a explicação de Aquino (1996) permite perceber a influência do professor sobre o desempenho académico dos alunos, e fica por compreender a dimensão social onde o professor e aluno são apenas partes dos intervenientes inseridos na escola.

De um modo geral, a primeira perspectiva, permite perceber a interação professor-aluno na sala de aula e explica que existe acção inicial do professor, debate entre alunos e no fim o professor dá a síntese. Mas perde de vista o que intervenientes fazem no seu quotidiano, por limitar a sua análise apenas no professor-aluno na sala de aula num

contexto que tem vários intervenientes e que a interacção vai além da escola como lugar geográfico.

Diferentemente da primeira perspectiva, a segunda analisa a interacção professor-aluno na escola e explica que interacção social permite que haja negociações entre professor-aluno no contexto escolar. Explica também que o professor aprende nessa interacção. Adicionalmente sustenta que a interacção professor – aluno transcende o espaço da sala de aulas, influência do comportamento verbal do professor sobre o aluno. Um dos autores que cabe nessa perspectiva é Mollo (1969).

Segundo Mollo (1969) na análise do processo de interacção professor – aluno no contexto escolar, sustenta que envolve aspectos diferentes, pois transcende as formas de comunicação verbal entre os indivíduos, actividades e movimentos inter - relacionados de dois ou mais indivíduos. Se por um lado a explicação de Mollo (1969) permite compreender que a interacção envolve vários aspectos que vão além da comunicação verbal, perde de vista as lógicas que estruturam as práticas dos intervenientes fora da escola.

Com ideias similares com as de Mollo (1969) Martins (2015) que ao analisar as relações estabelecidas no ambiente escolar, explica que passam pelos aspectos emocionais, intelectuais e sociais e encontram na escola, um local provocador destas interacções nas vivências interpessoais. A explicação de Martins (2015) permite compreender que a escola caracteriza-se como um dos primeiros locais que garantem a reflexão sobre a realidade e a iniciação da sistematização do conhecimento socialmente construído.

Ainda de acordo com Martins (2015) estabelecendo um palco de negociações, sustenta que os alunos vivenciam conflitos e discordâncias e buscam acordos sempre mediados por outros parceiros. O importante no processo interactivo é o campo interactivo criado, porque a interacção está entre as pessoas e, é neste espaço hipotético que acontecem as transformações e estabelece-se o que Martins (2015) considera fundamental neste processo: as acções partilhadas, onde a construção do conhecimento dá-se de forma conjunta. A explicação de Martins (2015) perde de vista outros mecanismos que são accionados para resolver os conflitos vivenciados no processo interactivo.

Com ideias similares as do Martins (2015) Jorge e Lopes (2005) analisam a interação como um campo onde os indivíduos constroem as suas ações e práticas sociais de modo que se elabore categorias representativas sobre o “self” (ego). Ainda de acordo com Jorge e Lopes (2005) a interação está nas ações individuais e coletivas em que são definidos a partir do contexto espacial e temporal, em que os indivíduos estão inseridos. Esta explicação perde de vista as categorias que os intervenientes elaboram sobre os outros.

Uma ideia similar é apresentada por Gadotti (1999) que explica que a relação estabelecida entre professores e alunos constitui um grau significativo no processo pedagógico. A explicação de Gadotti (1999) permite perceber similaridades entre a realidade escolar e a realidade de mundo vivenciada pelos professores, e que essa relação é uma “via de mão dupla”, tanto professor como aluno ensina e aprende através de suas experiências, mas perde de vista as negociações que surgem no espaço escolar.

Com uma análise similar a de Gadotti (1999) Freire (1987) em seu livro “Pedagogia do Oprimido” explica que a relação professor- aluno ou vice-versa no processo de ensino-aprendizagem gira em torno da concepção da educação, tendo uma perspectiva de que a união na essência da educação como prática de liberdade, ambos abrem novos horizontes culturais de acordo com a realidade e imaginação de todos os indivíduos, seguido das diferentes culturas de cada um. Se a explicação de Freire (1987) permite compreender a relação professor- aluno por outro lado perde de vista os outros intervenientes inseridos no espaço escolar.

Em divergência com a ideia de Freire (1987) Fernanda (2009) explica que o contexto escolar é um espaço reflector da diversidade que expressa-se nas variadas interações desenvolvidas em seu meio. De forma adicional o texto de Fernanda (2009) permite compreender que o espaço educacional é repleto de complexidades que implicam encontros, desencontros, similaridades, diferenças, identificações e conflitos, ficando por compreender o que acontece nesses encontros, desencontros e sua continuidade.

Os autores que cabem na segunda perspectiva se por um lado permitem compreender a interação professor-aluno na escola e que a interação permite que haja negociações entre professor-aluno no contexto escolar, e possibilita que o professor aprende com sua

experiência na sala de aula e fora dela, por outro perdem de vista a continuidade desta interação em outros intervenientes dentro e fora da escola.

Diferentemente da segunda perspectiva, a terceira explica que o sucesso escolar torna-se também possível por via de negociações pedagógicas e extra pedagógica. E que para além dos objectivos que a escola projecta para os alunos, no seu quotidiano os próprios alunos carregam consigo objectivos particulares baseados em seus valores, estes objectivos os alunos concretizam na escola, e ao concretiza-los referem ter sucesso na escola. Um dos autores que subscreve esta perspectiva é Amâncio (2013).

Amâncio (2013), na análise da interação escolar, explica que o sucesso escolar torna-se também possível por via de negociações pedagógicas e extra-pedagógicas. De acordo com Amâncio (2013) a escola existe enquanto um “mercado de troca” extra - pedagógica, onde a lógica formal coexiste com a lógica de construção quotidiana de sucesso.

A explicação de Amâncio (2013) se por um lado permite compreender que a interação escolar é uma construção social decorrente de negociações que ocorre no contexto pedagógico e extra-pedagógico por outro lado, analisa apenas a construção da interação escolar para fins académicos e deixa de lado a interação para fins extra-académicos, apesar de ter anunciado que intervenientes do contexto que fez o estudo accionam estratégias extra-pedagógicas.

Com ideias parcialmente similares as de Amâncio (2013) Chambisso (2017), na análise da interação escolar divide o sucesso escolar em dois tipos: primeiro descreve os alunos que obtem sucesso na escola por via de dominio dos conteúdos academicos, respeito pelas normas da escola, ter boas notas e passarem de classe o que faz com que sejam notados pelos colegas, professores e outros funcionários por essas habilidades. O que de outra forma confere notoriedade aos alunos. O segundo tipo de sucesso é de conteúdos extra-académicos onde alunos ostentam roupas e calçados na escola, mesmo que isso implique desrespeito pelas normas em vigor na mesma, actividades fora da escola, que posteriormente publicitam no recinto da escola e que confere-lhe visibilidade das suas acções diante de colegas, professores e outros funcionários.

O trabalho de Chambisso (2017) se por um lado permite compreender o sucesso escolar que ocorre através de domínio de conteúdos extra-académicos que conferem aos alunos visibilidade diante dos colegas, professores e funcionários da escola, perde de vista os objectivos que os alunos carregam consigo no quotidiano que vão além de fazer os dois tipos de sucessos.

Esta perspectiva permite compreender que o sucesso escolar torna-se também possível por via de negociações pedagógicas e extra-pedagógicas, e que os alunos ostentam roupas e calçados para fazer sucesso na escola o que confere-lhes visibilidade. Mas fica por compreender outros tipos de negociação.

No geral, se a literatura analisada sobre a interacção no contexto escolar permite compreender a interacção professor-aluno na sala de aula, na escola, e o sucesso pedagógico e extra-pedagógico dentro e fora da escola, por outro lado fica por compreender outros tipos de negociação.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1. Enquadramento teórico

Para a teorização da negociação escolar adoptei duas ideias, a primeira é de Amâncio (2013) segundo a qual, o sucesso escolar torna-se possível por via de negociações pedagógicas e extra-pedagógicas. De acordo com Amâncio (2013) a escola existe enquanto um “mercado de troca” extra - pedagógica, onde a lógica formal coexiste com a lógica de construção quotidiana de sucesso.

A segunda ideia é de Chambisso (2017) segundo a qual, o sucesso escolar tem dois tipos. No primeiro os alunos obtêm sucesso escolar por via de domínio dos conteúdos académicos, respeito pelas normas da escola, ter boas notas e passarem de classe o que faz com que sejam notados pelos colegas, professores e outros funcionários por essas habilidades. O que de outra forma confere notoriedade aos alunos. No segundo tipo os alunos obtêm sucesso de conteúdos extra-académicos por ostentarem roupas e calçados na escola, mesmo que isso implique desrespeito pelas normas em vigor na mesma, actividades fora da escola, que posteriormente publicitam no recinto da escola e que confere-lhe visibilidade das suas acções diante de colegas, professores e outros funcionários. O sucesso escolar resulta de negociações que ocorrem no contexto pedagógico como extra-pedagógico.

As ideias dos autores referidos permitiram-me compreender que a negociação entre intervenientes da ESGM transcende o espaço físico da escola. Assim, enquanto uns negoceiam estratégias de estudarem em grupos para passarem de classe, outros investem na negociação de notas para passarem de classe, outros negoceiam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”. Isto permite afirmar que a escola é um dos pontos de negociação.

3.2. Conceptualização

São conceitos – chave, desta pesquisa a negociação, interacção e sociabilidade. A negociação mais do que definir esta pesquisa a problematiza, daí que é pensada na perspectiva de Alto *et al* (2009), como um processo de buscar um acordo entre as partes

envolvidas. Este conceito permite compreender todo processo comunicativo entre intervenientes do estudo.

Interacção social

Segundo Goffman (1968) a interacção é uma acção recíproca que os indivíduos participam e incorporam personagens em um determinado contexto (Campenhoudt 2001). Se por um lado este conceito permite compreender que a interacção agrega uma acção mútua entre grupos ou instituições, por outro perde de vista o contexto e a dinâmica da interacção.

Diferentemente de Goffman (1968), Blumer (1969) define a interacção como uma forma de criar, readaptar, negociar divergências de interesses e desafectos que resultam na criação de regras. Este conceito permite perceber que na interacção os indivíduos criam, negociam, readaptam divergências que resultam na criação de regras.

Neste trabalho uso o conceito proposto por Blumer (1969), porque compreender que na interacção os indivíduos criam, readaptam, negociam divergências de interesses, tensões e desafectos que resultam na criação de regras.

Sociabilidade

Segundo Simmel (1991) sociabilidade é “a forma lúdica de socializar” que permite relaxar, por instantes, o clima de seriedade e as hostilidades presentes no quotidiano. O seu fim é o sucesso do momento, os resultados desse processo são exclusivas ao encontro das pessoas numa reunião social, seu carácter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade.

Adicionalmente a sociabilidade tem regras específicas que excluem atributos que circundam a personalidade, como riqueza, posição social, cultura, fama, méritos. Neste trabalho, uso o conceito de sociabilidade, o mesmo designa as conversas entre os intervenientes nos contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”. E percebi que o assunto é apenas um meio; a sociabilidade apresenta o caso em que a conversa é o legítimo propósito de si mesma.

4. Metodologia

“ (...) a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação da realidade ‘nativa’ com a qual se defronta” (Peirano 1995:135-136).

4.1. Procedimentos metodológicos

Em termos metodológicos, esta pesquisa é de carácter etnográfico exploratório. Exploro experiências dos intervenientes com processo de negociação na Escola Secundária “Graça Machel”, rua do aviário e na Barraca “Sassenta”. Realizei esta pesquisa em três fases a saber, recolha de dados etnográficos, revisão bibliográfica e documental e análise de dados.

4.2. Etapas da pesquisa

Nesta fase fiz a revisão da literatura. Para tal, recorri aos documentos como livros, teses e artigos científicos disponíveis nas bibliotecas da faculdade de educação, do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da UEM, da Biblioteca Central Brazão Mazula, da Biblioteca da UP Sede, Biblioteca do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano bem como em plataforma digital da internet. O referido material era referente às discussões sobre interacção professor-aluno na escola. A consulta desse material permitiu familiarizar-me em assuntos sobre a interacção professor – aluno no contexto escolar.

Na etapa da pesquisa etnográfica recolhi dados, fiz observação directa, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com os participantes. A pesquisa decorreu na ESGM na cidade de Maputo, em frente da escola (rua do aviário), na barraca “Sassenta” e em casa dos participantes. A pesquisa etnográfica decorreu em dois momentos e teve no total a duração de sete meses e meio. O primeiro momento ocorreu entre os dias 07 de Outubro a 23 de Dezembro de 2018 e teve a duração de três meses. O segundo momento ocorreu entre os dias 26 de Fevereiro a 30 de Maio de 2019 e teve a duração de quatro meses.

Na etapa de análise de dados, organizei os dados de modo a identificar tendências nas conversas dos participantes de estudo. Após a identificação de tendências, discuto os dados e a revisão de literatura sobre interação professor – aluno no contexto escolar.

4.3. Seleção dos participantes da pesquisa

O acesso aos participantes do estudo pela primeira vez foi através de uma conversa com cinco pessoas uniformizadas a preto e branco na rua do aviário, estas pessoas disseram que são alunos da ESGM e que estavam a curtir a sexta-feira. E pedi conversar mais vezes com eles e convidara-me para que fosse até a papelaria da escola no dia seguinte, chegado lá conversei com o funcionário da papelaria, observava e escutava as variadas conversas de pessoas que faziam-se a papelaria para multiplicarem cópias.

4.4. Processo de recolha, registo, tratamento e análise de dados

Para a presente pesquisa usei como técnicas a observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais, de forma individual e colectiva de modo a ouvir experiências de vida dos participantes de estudo.

A técnica de observação directa consistiu em olhar, ouvir e escrever as práticas sociais no quotidiano dos intervenientes que frequentam a rua do aviário e a Escola Secundária “Graça Machel”. Durante as idas e voltas para ESGM observei pessoas em constante interação a partir da rua do aviário em frente do portão da escola, pátio, em frente da Biblioteca, sala dos professores, papelaria, cantina, salas de aulas e no campo local que realiza – se educação física. Durante essa observação, ouvi pessoas a conversarem sobre diversos assuntos de entre os quais, ter “PPF”, namorar com professores, expressões “drenalina” na sexta-feira, alunas a convidarem o “professor” para lanchar.

As conversas informais foram usadas com objectivo de complementar a técnica de observação directa e clarificar alguns aspectos que por algumas limitações ficaram pouco claros durante a observação. As mesmas foram feitas a nível individual e colectivo na escola, cantina de dentro e fora, porão, em casa de participantes, e na papelaria da escola. Nas cantinas assim como na papelaria as vezes os participantes pediam que pagasse-os lanche durante as conversas e em casa pediam que almoçasse com eles.

Realizei também, entrevistas semi-estruturadas com o funcionário da papelaria, as funcionárias da cantina da escola e da secretaria. As entrevistas semi-estruturadas permitiram-me perceber algumas passagens textuais do documento consultado que tinha dificuldades em compreender durante as leituras.

Quanto aos dados das observações anotava no bloco de notas. Chegado a casa, organizava as anotações no papel tipo A4 e computador, depois disso conservava os manuscritos. Esse processo permitiu melhor conservação dos dados e ajudou-me durante o processo de análise de dados.

4.5. Constrangimentos no processo de recolha de dados

Nesta parte da pesquisa apresento os constrangimentos que ocorreram durante o processo de recolha de dados. Na realização da presente pesquisa deparei-me com os seguintes constrangimentos:

A primeira questão foi a saída tardia do credencial, o que atrapalhou o meu plano de actividades. Para contornar o problema fiz observações na papelaria e na cantina da escola pelo facto de aceitarem a reprodução de cópias para pessoas sem uniforme escolar, enquanto aguardava pela saída do credencial e pela autorização da escola que ficou três semanas a ser dada.

A segunda questão com a qual debati-me no início da pesquisa foi como aceder ao contexto de pesquisa e sobre tudo aos informantes e como aborda-los? O medo e a ansiedade que tinha, e o estranhamento dos participantes que confundiam – me com agente infiltrado da polícia no contexto da pesquisa etnográfica, para ultrapassar essa ideia mostrava o cartão de estudante e credencial sempre que abordasse os participantes e explicava que sou estudante.

A terceira questão é a dificuldade em encontrar participantes dispostos a dar informações que a pesquisa buscava compreender que manifestou-se nos primeiros dias, para superar esta dificuldade criei amizade com funcionário da papelaria e sendo um espaço frequentado pelas diversas pessoas, ao decorrer do tempo surgiu a aproximação com participantes, e a partir da técnica da bola-de-neve foi possível aceder a outros

participantes que disponibilizaram-se a prestar informação necessária para esta pesquisa.

4.6. Perfil dos participantes da pesquisa

Na tabela abaixo, apresento o perfil e o número dos participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Nível académico	Função na instituição	Morada
Balamade	30 anos	Licenciatura	Professor	Laulane
Helena	39 anos	Licenciatura	Professora	CMC
Sucre	39 anos	Licenciatura	Professor	Santa Isabel
Maikon	36 anos	Técnico Médio	Professor	Albazine
David	52 anos	Técnico Médio	Professor	Malhazine
Beleque	47 anos	9ª classe	Guarda	Magoanine “C”
Maroon	65 anos	7ª classe	Guarda	Magoanine “C”
Leonardo	55 anos	7ª classe	Guarda	Magoanine “B”
José	21 anos	12ª classe	Funcionário	Magoanine “C”
Greta	19 anos	10ª classe	Aluna	Hulene “B”
Elizabet	16 anos	9ª classe	Aluna	Romão
Lídia	19 anos	10ª classe	Aluna	Choupal
Dulce	17 anos	10ª classe	Aluna	Mahotas
Rindza	19 anos	10ª classe	Aluna	Matendene
Sara	17 anos	10ª classe	Aluna	Magoanine “A”
Eulalia	18 anos	10ª classe	Aluna	Hulene “B”
Pedro	18 anos	10ª classe	Aluno	Bagamoyo
Samuel	17 anos	10ª classe	Aluno	Malhazine
Edgar	18 anos	10ª classe	Aluno	Matendene
Héder	18 anos	9ª classe	Aluno	Hulene “A”

A presente pesquisa contou com a participação de vinte (20) participantes. Doze são do sexo masculino e oito são do sexo feminino. Participaram onze alunos do nível médio (8ª a 10ª classe), cinco professores dos quais alguns são licenciados e outros fizeram no 2º grau o curso de formação de professor, três guardas dois com 7ª classe e um com 9ª classe e um funcionário da papelaria com 12ª classe.

Participaram na presente pesquisa alunos de idade compreendida entre os 14 aos 19 anos, professores de idade compreendida entre 30 aos 39 anos, guardas de idade compreendida entre 47 aos 65 anos e funcionário da papelaria da escola com 21 anos de idade.

Nesta pesquisa usei nomes fictícios como forma de proteger a verdadeira identidade dos participantes da pesquisa.

5. A escola como “um dos pontos de negociação”

Nesta parte analiso a informação colhida a partir da pesquisa etnográfica na qual percebi que existe três tipos de negociação. O mesmo está organizado em quatro secções. Na primeira secção caracterizo os contextos da pesquisa e na segunda parte experiências dos intervenientes com negociação de “estratégias de estudos”. Na terceira parte apresento experiências dos intervenientes com negociação de notas e na quarta parte apresento experiências dos intervenientes com a negociação do acesso aos contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”.

5.1. Localização e caracterização do contexto da pesquisa

Nesta parte do trabalho apresento os locais onde realizei a pesquisa nomeadamente a ESGM, rua do Aviário, a barraca “Branca,” e a barraca “Sassenta”. A caracterização da escola terá em conta dois aspectos, nomeadamente: a organização físico-social e a organização pedagógica da escola. E a caracterização da rua do aviário, a barraca “branca,” e a barraca Sassenta terá em conta a organização físico-social.

Escola Secundária “Graça Machel”

A ESGM está localizada em Moçambique, na cidade de Maputo, no bairro de Magoanine “A”, na rua do Aviário, quarteirão 15, parcela 45 Distrito Municipal KaMubukwane (**Fig. 1**).

Fig. 1. Planta aérea da ESGM



Fonte: Henrique Chissano, adaptado do Google maps

Do lado direito da escola tem uma cantina que está dentro de um quintal residencial, em frente da escola existe uma papelaria, alguns edifícios residenciais e barracas que vendem pão, “badjias”, frozy, bolachas e gelinhos.

Na entrada existe uma guarita no lado esquerdo e a direita encontramos um bloco de salas de aulas de sala 1 – 5 e em frente bancadas e uma mangueira, um canhoeiro onde esticam a rede para prática de voleibol e encontramos também outro bloco que é da sala 6 – 10 que são salas de aulas com ascensão da sala 10 que funciona como biblioteca da escola.

Do lado esquerdo existe um bloco administrativo composto pela secretaria, uma sala de visita, três gabinetes: sala do director, sala do director pedagógico, sala dos professores, duas casas de banhos internos para funcionários deste bloco, uma copa, arrecadação e ao lado direito da parede deste bloco é usado como vitrina. Mais a frente tem uma mangueira onde serve como estacionamento de viaturas e atrás tem pavilhão da União geral que hoje é usado para fazer ginástica nos dias de chuva ou de muito sol.

Mais a frente existe um campo de futebol de areia e por detrás do lado esquerdo tem uma mangueira e do lado direito tem tanque de água e bem no fundo da escola tem três pavilhões de casas de banhos para alunos sendo que tem um que situa – se atrás de dois pavilhões, usado como suplente nos dias em que tem problemas de água.

Do lado esquerdo do pavilhão da união geral estão os dois blocos de salas de aulas, primeiro de sala 11 – 15, segundo de sala 16 – 20, no meio desses blocos e o bloco administrativo tem um edifício que do lado frontal desses blocos funciona a papelaria e de trás a cantina.

Do ponto de vista pedagógico a ESGM funciona no regime de dois turnos por dia. O primeiro das 7: 00h -12h: 05, o segundo das 12h: 20 – 17h: 45. A escola conta com 45 professores distribuídos em dois turnos e trabalham com os alunos da 8ª a 10ª classe. Sendo que no período de manhã, acolhe nove turmas da oitava classe e dez da décima classe. No período da tarde, acolhe sete turmas da oitava classe e doze turmas da nona classe.

A barraca “Sassenta”, para quem esteja na rua do aviário em frente do portão da escola, esta localizada mais a frente, do lado direito, a cerca de dois metros da rua do aviário. A mesma tem duas mesas de bilhar e abrem as 07h e fecham as 21h.

O porão é usado no quotidiano dos alunos para jogar, conversar, dançar e namorar. Entretanto, é tido também, como local onde ficam alunos que *gazetam*¹ aulas, consomem bebidas alcoólicas. E é um dos locais que tem “drenalina”.

A entrada da escola é onde os alunos curtem a sexta-feira e “drenalina” a partir das 17h50. Entretanto, é tido também, como local onde os alunos namoram, bebem e dançam ao som de aparelhos sonoros.

No edifício da papelaria e cantina da escola é um local onde alunos e professores multiplicam cópias, partilham lanche, experiência de vida e negociam a resolução dos exercícios.

O pátio da escola é um dos locais mais movimentados porque dá acesso ao edifício que funciona a papelaria e a cantina, e está em frente da sala dos professores. E é tido como ponto estratégico por alunas que usam cinturas altas nas calças de uniforme.

5.2. As negociações

5.2.1. Os alunos que negociam estratégias de estudar

Nesta secção apresento a forma como os alunos negociam estratégias de estudar no seu quotidiano escolar. E para estudarem, formam grupos de estudos, pedem aos professores para explicarem, e outros estudam em casa com ajuda de outros intervenientes fora da escola.

No mês de Março fiz observação em frente da sala dos professores, onde vi e ouvi uma aluna a entregar o caderno para um professor e a dizer que é para ajudar a resolver TPC de matemática e o professor recebeu o caderno que já estava aberto e começou a escrever e disse siga-me (Notas de observação do dia 05 de Março de 2018).

¹ *Gazetar* é um termo usado pelos os participantes da pesquisa para designar ficar fora da sala no decorrer das aulas

A observação permite perceber que as alunas pediram ao professor para que resolvesse (trabalho para casa) TPC para elas e que explique o mesmo, por outro lado que o professor por sua vez explica e resolve. E isso explico no exemplo a seguir;

Estudamos na escola individualmente e em grupo de sete alunos, e estudamos em casa. Caso alguém tenha dúvidas vem partilhar conosco e explicamos um ao outro, em caso de todos não termos a solução pedimos ajuda de professores da disciplina que temos dificuldades. E as vezes esperamos o dia que temos aula da disciplina para colocar duvidas e assim tornamo-nos em alunos participativos nas aulas (Dulce, 18 anos, aluna da 10ª classe, entrevista, Outubro de 2018).

A partir da entrevista com Dulce percebi que ela e seu grupo de estudos, estudam na escola e em casa, explicam-se as matérias que uns compreenderam melhor que os outros, tornam -os participativos nas aulas dentro da sala, permite considerar que estes alunos das suas interações adoptam meios para reforçar a sua apreensão dos conteúdos académicos o que lhes permitem satisfazer os seus objetivos e os objetivos estabelecidos pela escola. E esta explicação reforça a observação acima descrita ao trazer a questão de pedir ajuda ao professor da disciplina em que tem dificuldades.

O exemplo a seguir tem similaridades com o acima descrito ao revelar que para passar de classe é necessário estudar individualmente e em grupos de alunos ou de outros intervenientes.

Estudamos para ter boas notas e passarmos de classe de forma a conseguirmos ser alguém no futuro. Para conseguir isso, é necessário estudar, seja sozinho, com colegas, irmãos ou tios desde que consegue compreender os conteúdos lecionados na escola. E é preciso respeitar regras escolares, colegas, professores, guardas e os pais (Grupo de dez alunos da 10ª classe, entrevista, Abril de 2019).

Esta narrativa permite compreender que os alunos que fazem parte desse grupo estudam individualmente, entre colegas, com irmãos e tios para apreender os conteúdos lecionados na escola, e assim conseguem ter boas notas que conferem-lhes a passagem de classe deixando-os perto de ter o status desejado no futuro. Apesar de similaridade

com a narrativa acima descrita, esta narrativa permite também perceber que combinam o estudar com o respeito com as normas escolares, com professores, guardas e colegas.

O exemplo a seguir tem similaridades com o acima descrito ao revelar que nas disciplinas que tem dificuldade estuda em casa individualmente e outros intervenientes intervenientes.

Nas disciplinas que tenho dificuldades estudo em casa sozinha, as vezes com minhas duas irmãs que já estão nas universidades e com minha tia que é professora nesta escola e as vezes resolvo TPC com meu namorado. E tenho essas pessoas como exemplo a seguir para ser alguém no futuro (Lídia, 19 anos de idade, aluna da 10ª classe, entrevista, Março de 2019).

A ideia da Lídia permite compreender que ela estuda em casa sozinha nas disciplinas que tiver dificuldades e conta com ajuda das irmãs que estão no ensino superior, com a tia que é professora na ESGM, e que para ter status desejado no futuro segue o exemplo das irmãs e da tia. No exemplo a seguir explico o que a Lídia entende como ser alguém no futuro e defere da explicação acima descrita.

Ser alguém no futuro é ter um emprego permanente no Estado, e para isso tenho que estudar muito, para ser médica, professora universitária e jornalista são os meus maiores desejos na vida e minha tia aconselha-me a estudar muito para alcançar esse objetivo desde cedo (Lídia, 19 anos de idade, aluna da 10ª classe, entrevista, Março de 2019).

A partir da explicação da Lídia compreendi que ser alguém no futuro é ser, médica, professora e jornalista de modo a ter emprego permanente. E que é necessário dia-a-dia estudar muito e seguir os conselhos da tia. E esta conversa a acima descrita permite perceber que para ter as profissões aqui mencionadas é necessário estudar e ter o nível exigido para formar-se em um dos cursos.

A partir dos dados analisados nesta secção, percebi que na interacção entre alunos as acções consistem na partilha de dúvidas com as matérias leccionadas na escola, em promover estudos em grupos. Percebi também que esses estudos em grupos são sugeridos pelos professores e que a resolução de TPC é feita com ajuda de alguns

professores, os alunos fazem a revisão da matéria individualmente e com irmãos, tios e namorados. Esses mecanismos dos alunos são tidos como os que permitem a passagem de classe e os deixa cada vez mais perto do alcance do nível académico desejado.

5.2.2. Espaço de negociação de passagem de classe

Nesta secção da pesquisa analiso experiências entre intervenientes envolvidos no espaço de negociação de notas, explico como é feita a negociação e quais são as outras coisas que são negociadas neste espaço.

No mês de Março fiz observação em frente da papelaria da escola onde, vi e ouvi uma aluna a dizer ao professor para ajudar a resolver uma ficha de matemática e o professor perguntou quanto que ela tinha para pagar para que resolvesse a ficha para ela, e aluna disse que não tinha dinheiro e o professor disse manda no Mpesa e o sino tocou e o professor disse para aluna ir para sala que depois de resolver a ficha ligaria para ela (Notas de observação do dia 05 de Março de 2018).

A observação permite perceber que as alunas pedem ao professor para que resolva fichas de exercícios para elas, por outro lado que o professor por sua vez exige dinheiro para resolver. Explico melhor o que descrevo nesta observação no exemplo assegurar;

O que é negociado entre professores e alunos são as notas e tem várias formas de pagamento: dinheiro vivo, via mpesa, cerveja e namorar para as alunas que tomam banho, usam maquiagem e apresentam-se bonitas sempre que vem para escola. As alunas que batem directa são exigidas dinheiro, cerveja e lanche (Lídia, 19 anos, aluna da 10ª classe, entrevista, Março de 2019).

Esta entrevista com a Lídia, permite perceber que os professores e alunos negoceiam as notas, as formas de pagamento e que essas formas variam, para as alunas que tomam banho os professores exigem namoro e para as que “batem directa”² e alunos exigem dinheiro, cerveja e lanche.

Essas meninas pensam que ser bonita dará tudo na vida, namoram com professores para passarem de classe, outras compram notas para passarem e outras namoram só

² *Bater directa* é um termo usado pelos participantes da pesquisa para designar alunas que acordam vestem uniforme e vão a escola sem tomar banho.

para ser conhecidas como namoradas do professor com outras meninas (José, 21 anos, funcionário, conversa, Março de 2019).

A partir da conversa com José percebi que as alunas namoram com professores para passarem de classe, outras compram notas para passarem de classe e outras namoram com professores para terem prestígio entre outras colegas.

Esta explicação é similar ao que Chambisso (2017) foi revelado pelos alunos deslocados, que faziam sucesso extra-académica de modo a serem notados pelos colegas e outros intervenientes na escola.

Nós lanchamos na cantina com professor Gerson e Helder, e são bons professores porque pagam o próprio lanche e conversam bem, e nós aproveitamos este ambiente para colocarmos dúvidas sem medo de sermos “zoadas³” pelos colegas da turma e falamos a vontade, amiga já ligaste para o professor Gerson? (Greta, 19 anos, aluna da 10ª classe, conversa, Outubro de 2018).

A conversa com a Greta, permite perceber que no ambiente escolar as alunas partilham o espaço de lanche com os professores, e que estes pagam o seu próprio lanche, e também que os alunos sentem-se mais a vontade em partilhar suas dúvidas com os professores fora da sala de aulas porque os colegas não tem como gozar com elas. Esta narrativa permitiu perceber também que as alunas telefonam para os professores.

Os professores conversam e lancham com os alunos e alguns alunos aproveitam-se desse momento para pagarem lanche para eles, principalmente alunas criam amizades estranhas porque mesmo fora da escola são amigas dos professores e não levam a sério mesmo quando estamos na sala falam muito e se fazem de inteligentes, enquanto não sabem nada, só tem boas notas porque namoram com professores (Edgar, 18 anos, aluno da 10ª classe, conversa, Outubro de 2018).

Esta conversa é similar a acima descrita, porque evidencia a partilha do lanche entre os professores e alunos, mas permite também perceber que as alunas pagam o lanche para os seus professores, criam amizades com eles e namoram com eles com objectivo de ter

³ *Zoar* é um termo usado pelos participantes da pesquisa para referir rir-se dos colegas em caso estes cometem erros na língua portuguesa.

boas notas. E defere – se porque nesta narrativa aparece a ideia de que além do espaço de lanche as alunas estendem a amizade com os professores fora da escola e quando voltam a escola já não levam - os a sério e fazem-se de inteligentes.

Os professores tem amizades com um grupo de alunas, as que tem “txi”⁴ todos os dias pagam lanche para professores principalmente para o professor de educação física porque ajuda na resolução de TPC, no meu caso só tenho amizade com um professor e que sempre que quer lanchar manda-me para ir ver o que estão a dar nesse dia na catina, as vezes lanchamos juntos (Samuel, 17 anos, aluno da 10ª classe, conversa, Outubro de 2018).

O pronunciamento de Samuel, permite compreender que um grupo de alunas tem dinheiro, e que por sua vez paga lanche para o professor de educação física e que as amizades entre professor – alunos são frequentes nos professores que as professoras. E que pagar lanche para o professor de educação física tem em vista a negociação da resolução de TPC.

Um colega meu paga lanche diariamente para um professor, na cantina de fora, ele nem lanchava apenas ele fica a conversar com o professor, e depois de lanchar voltam juntos para a escola, e esse colega não estuda nem TPC faz, e nem se quer participa nas aulas, mesmo todos a levantarem para contribuir ele permanece sentado, e no caso de ter alunos que não tenham feito TPC o professor tira – os da sala menos ele desde ano passado, e juro que aquele não passou por inteligência foi ajudado pelo professor (Sara, 17 anos, aluna da 10ª classe, conversa, Março de 2019).

Esta explicação permite perceber que há partilha de lanche no ambiente escolar e criação de amizades com professores como estratégia para que o professor garanta a passagem de classe. Esta narrativa é em parte unânime com a de cima descrita, mas ilustra que os professores partilham o espaço de lanche e evidencia a relação entre alunos e professores fora da escola.

Eu quando tenho um trabalho de desenho peço ajuda para meu eis professor de desenho da nona classe e, ele disponibilizou o número do celular, para ligar-lhe em

⁴ Txi é um termo usado pelos participantes para designar dinheiro.

caso de dúvidas e tenho ligado. Já em situações de dificuldades na disciplina de inglês aproveito as horas de intervalo de lanche para pedir explicação para outros professores (Dulce, 18 anos, aluna da 10ª classe, conversa, Outubro de 2018).

A conversa com Dulce permite perceber que a aproximação com professores, permite que os alunos partilhem experiência de vida, dúvidas na resolução de TPC de diversas disciplinas leccionadas na escola e que o intervalo de lanche é o tempo aproveitado para esses assuntos e que a negociação é possível via telefônica.

Um professor pediu-me que lhe pagasse uma cerveja e eu disse que não podia pagar, e ele perguntou o porque, e eu disse que não tinha dinheiro e ele disse que pagarei no dia que tiver dinheiro, olhei para ele e disse não sei se um dia pagaria uma cerveja, ele disse tens notas baixas na sua situação eu pagaria para ver se subia essas notas, tenho M-Pesa também é facil (Elizabet, 16 anos, aluna da 9ª classe, conversa, Março de 2019).

Esta explicação permite perceber que alguns professores pedem para que os seus alunos paguem cerveja, caso recusam-se a pagarem eles deixam a entender aos alunos que tem notas baixas e que para que suba as suas notas devem pagar cerveja, e assim tornam clara a negociação e que o pagamento pode ser via M-Pesa.

Nessa escola professores pequearam alunas e se você quer terminar com um professor, eles ameaçam-te dizendo que vai chumbar se brincar mal, a relação só termina quando eles decidem que deve terminar (Eulalia e Pedro alunos da 10ª classe, conversa, Dezembro de 2018).

Este discurso permite perceber que além de negociações e namoros, alguns professores ameaçam chumbar suas alunas caso desejem romper com a relação e que os professores de certa forma usam a condição professor para manter as alunas com eles, e decidirem quando querem terminar.

O envolvimento de professores com alunas influencia o aprendizado dos alunos, oiço que a aluna “fulana anda”⁵ com professor “fulano”⁶. Mas vejo isso nas turmas da décima classe as vezes tem alunas que olham de um jeito suspeito e pergunto o porque

⁵ Andar com fulano é um termo usado pelos participantes para referir que a aluna namora com professor.

⁶ Fulano é um termo que os participantes adoptam para ocultarem os nomes.

e a resposta é estou a apreciar-te e tento colocar limite mesmo sabendo que não é bom para aprendizagem. Na Josina a aluna aproximava-se do professor para dizer quer namorar com o professor e para isso o professor deve garantir boas notas para ela passar de classe e pronto (Sucre, 39 anos, professor, conversa, Março de 2019).

Este discurso permite compreender que o envolvimento de professores e alunas influencia o aprendizado das alunas, e que professores detectam esse acto pelo olhar, e outras alunas apreciam professores e assumem que estão a apreciar e outras dizem ao professor que querem namorar com ele em troca disso o professor deve garantir a passagem de classe da aluna.

Ana e Bela, namoram com professores e até a Ana chumbou por conta do namorado da Bela que é professor também e até aquele que chumbou a Ana já não dá aulas para a sua namorada Bela e o namorado da Ana avisou que ele é quem dá aulas para Bela e ela chumbará também e, é uma espécie de vingança entre eles. Na conversa explicou (Rindza, 17 anos, aluna da 9ª classe, conversa, Fevereiro de 2019).

Com este discurso compreendi que as alunas que namoram com professores dependem deles para passarem de classe, e que as desavenças de professores podem fazer com que as alunas reprovem. E essas desavenças surgem quando um professor de uma disciplina é objectivo e atribui notas sem levar em consideração a existência da namorada do colega de profissão na turma.

O professor Linkon, chamou – me e disse sua mal-gradecida, sua estúpida, sua burra e disse você não teria passado sem minha ajuda passou graças a mim, porque brincava com aquela maluca da Luxe. E ela teve PPF⁷, sendo que a Luxe é a aluna que ele queria namorar, e o professor disse que estava no mesmo caminho que a Luxe, e o professor salvou - me (Sara, 18 anos, aluna da 10ª classe, conversa, Fevereiro de 2019).

Ao analisar este pronunciamento da aluna pude perceber a existência de uma exigência que os professores fazem as alunas, para que estas lhes retribuam favores prestados embora as alunas desconheçam da existência desse favor para passarem de classe,

⁷ PPF é uma sigla usada pelos participantes da pesquisa que significa perdeu o ano por faltas.

permite compreender que a troca de favores vai além da aluna pela qual o professor está interessado, estende – se para as amigas dessa aluna.

Fiquei espantada quando o professor Linkon quando disse que salvou-me, sendo que não sou aluna dele, conheceu-me num dia que eu e a luxie não tínhamos caderno de desenho e a professora tirou-nos da sala e ele levou-nos para sala e conversou com a professora e entramos assistirmos a aula desde esse dia ele diz que deveríamos retribuir o favor concedido (...), contou durante a conversa (Sara, 18 anos, aluna da 10ª classe, conversa, Fevereiro de 2019).

Esta explicação traz um elemento novo, no sentido de perceber que os professores fazem favores para as alunas ao negociarem com seus colegas e cobram esses favores mesmo que as alunas desconheçam a existência da ajuda do professor numa disciplina, depois o professor exigem que as alunas retribuam o favor e aluna fica sem escolha e que tem professores que salvam alunas além de ensinar.

Tenho uma colega que quer namorar um professor, quando estamos em aula de física, ela troca de carteira só para passar da carteira do professor e ela faz de tudo para conquista-lo, estar com aquele professor é tudo que ela quer, um dia de muito calor ela simulou perda de ar e o professor disse para ela sair da sala para apanhar ar e ela levantou-se e quando chegou perto do professor caiu para o professor assegura-la (Sara, 17 anos, aluna da 9ª classe, conversa, Novembro de 2018).

Este discurso permite compreender que as alunas conquistam professores e algumas alunas simulam perda de ar como estratégia para aproximar-se dos professores, passar de carteira para carteira no meio da aula passando pela carteira do professor, mexer as nádegas quando dirige – se ao quadro de modo a chamar atenção do professor.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que a negociação é expressa, e reproduzida, pelas acções dos intervenientes nesse espaço de negociação, como a sociabilidade de conversas, uma variedade de formas de negociação. E na interacção com os professores fora da sala de aulas, os alunos combinam acções extra-académicas e académicas na negociação. Na combinação das duas acções os alunos pagam lanche, cerveja e namorar com professores em troca da resolução de TPC e explicação do

mesmo. E permite também perceber que a negociação é feita nos intervalos de lanche e ao celular, e que o pagamento é feito via M-Pesa. Este momento é aproveitado pelos alunos para criar estratégias que tornem a negociação de notas e passagem de classe acessível.

Estes dados associa igualmente aos dados colhidos por Amâncio (2013), a partir dos quais explica que tais negociações envolvem troca de favores sexuais, troca monetária, troca de bebidas alcoólicas, troca de recargas de telemóvel entre outros favores. Neste contexto concluo analogicamente que a escola existe enquanto um dos “pontos de negociação”.

5.2.3. Negociação de acesso a contextos da “drenalina”

Nesta secção apresento os alunos que negociam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”, explico o que é “drenalina” e o que acontece nesses contextos. E a partir dos exemplos a seguir proponho-me a explicar o que acontece nesses contextos;

Na sexta-feira do dia 17 de Maio de 2019, fiz observação em frente do portão da escola, onde vi, ouvi e conversei com os alunos que disseram que estavam a curtir a sexta-feira e drenalina ao som dos G-boxs e a partilharem N1, Loló e Royal, vi também pessoas vestidas de calções e camisetas no local com G-box, e recipientes de N1 (Nota de observação de Maio de 2019).

Esta observação permite compreender a continuidade dos alunos perto do portão da escola depois das aulas, o que acontece na sexta-feira, perceber também que os alunos dos dois turnos falam entre si, e com outros intervenientes no momento da “drenalina” na sexta-feira, dançam ao som de “G-boxs” e partilham “N1”. E explico o que é drenalina no exemplo a seguir;

Nas sextas-feiras, a partir das 17h45 até as 21h00 os alunos ficam aqui em frente do portão e totalmente bêbados e de segunda a quinta-feira temos alunos, e na sexta-feira temos bêbados, na semana passada um aluno da oitava classe mal conseguia pôr-se em pé, estava sem condições de aprender algo, levei-o a sala do director e juntos

chamamos o encarregado e o aluno ficou suspenso durante duas semanas (Sucre, 39 anos, professor, conversa, Março de 2019).

Este discurso permite perceber que alguns alunos bebem nas sextas-feiras, e apresentam – se na escola “bêbados”, pesa embora o assunto de consumo de bebidas alcoólicas, é narrada na outra narrativa a que frisar que tem dia de semana específica e que há permanência até 21horas em frente do portão da escola, e que alguns alunos são suspensos da escola.

Os alunos daqui são indisciplinados, nas sextas-feiras ficam em frente do portão as 18h00, com amigos deles e fazem barulho com música e ao pedir para eles afastarem-se do portão dizem que estão fora da escola e que o meu trabalho é apenas na escola, e esses alunos bebem, namoram e lutam entre eles em frente do portão e nesses dias ficam até as 21h00, quando a sexta-feira calha feriado eles reúnem-se na quinta-feira e bebem (Maroon, 65 anos, guarda, entrevista, Março de 2019).

A entrevista com Maroon permite compreender a permanência dos alunos e pessoas da sociedade civil em frente do portão da escola nas sextas-feiras, que os alunos permanecem até as 20h00, em frente do portão, e que bebem, namoram, fazem barulho com música e lutam entre eles, difere-se da conversa com Sucre, porque esta entrevista permitiu perceber que a permanência até 21horas no portão da escola acontece no último dia da semana que os alunos tem aulas e não exclusivamente nas sextas-feiras.

Nós bebemos nas sextas-feiras porque é o último dia da semana, tem muita drenalina porque no dia seguinte não temos aulas e eu particularmente não faço nada, e também da segunda-feira a sexta-feira colecionamos dinheiro para comprarmos bebida, “kuchamos”⁸ dinheiro de fichas de exercício e de provas que pedimos em casa durante cinco dias da semana e juntamos para bebermos e curtimos o ambiente da sexta-feira com muita drena na “school”⁹ com uma música básica (Rindza, 17 anos aluna da 9ª classe, entrevista, Março de 2019).

⁸ *Kuchar* é um termo que os participantes usam para designar o dinheiro que pedem com desculpas de pagarem testes escolares para colecionar e aplicarem em outros interesses.

⁹ *School* é um termo que os participantes usam para referir escola.

A entrevista com Rindza permite compreender que bebem nas sextas-feiras por ser último dia de aulas de cada semana, tem mais “drena” e porque permite coleccionar dinheiro durante cinco dias da semana para comprar bebida, e esta entrevista difere-se da entrevista com Maroon porque permite também perceber que as alunas ganham dinheiro para pagarem bebida pedindo dinheiro de fichas de exercícios e testes escolares em casa.

Drenalina é algo que sentimos quando estamos sobre efeito de álcool, droga ou momento de prazer ou é um prazer fora do normal. Acontece quando bebemos estando na escola com colegas, em frente do portão nas sextas-feiras depois das aulas, mas tem drenalina nas festas nocturnas pistas de carros (Entrevista com um grupo de alunos, Novembro de 2018).

Esta narrativa permite perceber que “drenalina” é uma sensação anormal que os alunos sentem quando estão sobre efeito de álcool, droga, momentos de prazer e quando estão nas festas nocturnas e pistas de carros. Geralmente acontece quando bebem entre eles nas sextas-feiras em frente do portão da escola depois das aulas.

Ficamos aqui no porão a conversarmos e aliviarmo-nos dos problemas que trazemos de casa, das nossas namoradas, e a música e dança são a melhor coisa para isso, e usamos o celular para conectar com bluetooth no G-box e além de escutar música conversamos aqui e entramos no momento de muita drena porque depois daqui cada um vai para sua casa (Hélder, 18 anos, aluno da 9ª classe, entrevista, Outubro de 2018).

A entrevista com Helder permite compreender que os alunos ficam no “porão” a conversarem, dançarem músicas tocadas num aparelho sonoro que conectam com celular usando o aplicativo bluetooth e que isso ajuda-os a tirarem estresse e entram no momento da “drena”. Enquanto que na narrativa acima descrita para que estejam na “drenalina” bebem, aqui a conversa, música e dança é o que os deixa no momento da “drenalina”.

A qui na escola a drenalina é momentânea ocorrem em todos os lugares exceto no edifício administrativo. Na festa há drena no momento que comemos, bebemos e dançamos, quando há agitação, quando a festa é agradável. No portão, porão, na sala de aula tem drena quando a aula é agradável, quando o professor lança uma piada e o

aluno devolve com piada divertimos bastante (Pedro, 18 anos, aluno da 10ª classe, conversa, Novembro de 2018).

Esta entrevista permite compreender os locais e contextos da “drenalina”, no portão, “porão”, na sala de aula e tem “drenalina” no contexto de festa no momento de agitação e divertimento. E que “drenalina” é momentânea aliado a piada, divertimento em diversos contextos.

Compramos G-boxs na rotunda de Magoanine nas lojas de Chineses e no Muswazi nas lojas de Nigerianos e compramos com dinheiro de mesada que varia de 300mts a 500mts, dinheiro de testes, fichas de exercícios e de chapa que varia de 20mts a 50mts, que dão nos em casa (Pedro, 18 anos, aluno da 10ª classe, conversa, Novembro de 2018).

Esta explicação permite perceber que os alunos juntam dinheiro de mesada, testes escolar, ficha de exercícios, mesada e chapa para comprarem “G-boxs”, nas lojas de Chineses em Magoanine e no Muswazi nas lojas de Nigerianos.

Dois alunos da oitava classe faziam uma química inacreditável para resultar num veneno com um cheiro irreconhecível de modo a evitar ter aulas, ele juntava xixi e tripas de peixe numa garrafinha e fechava durante uma semana e na semana seguinte ele espalhava aquilo na sala e nenhum professor conseguia dar aulas na sala (1) durante uma semana, mesmo depois de dois dias de limpeza e ele divertia-se com esta situação (Bélique, 47 anos, guarda, conversa, Março de 2019).

A partir da conversa com Bélique percebi que estes alunos interessados em criaram estratégias para deixarem a sala fedorenta com o cheiro do veneno que espalham, mesmo que isso prejudique outros alunos eles divertiam-se com esta situação.

Estes alunos faziam o mesmo na antiga escola, eles são conhecidos por nome de “Buer e Black” aqui na escola por indisciplina, tratamos esse assunto com encarregados mas, mesmo assim eles tiveram “PPF” e actualmente um deles estuda na Escola Secundária de Magoanine, e entra as 12 horas mas todas as sextas-feiras o vejo aqui fora as 14 horas não sei como ele está a estudar. E o amigo dele que estava na nona classe

conhecido como “Black” perdeu a carteira porque chumbou duas vezes na nona classe (Bélique, 47 anos, guarda, conversa, Março de 2019).

O discurso acima descrito permitiu perceber que o cometimento de indisciplina além de divertimento, coloca os alunos no lugar de destaque na escola, que é o caso de dois alunos que foram apelidados pelos nomes de “Buer e Black”¹⁰ pela indisciplina.

Ainda estou na décima classe, chumbei no ano passado porque brincava muito, era gazeteira das aulas e ficava no “porão” a bater papo¹¹ e a escutar música com colegas a curtirmos momento da drenalina, mas agora já não “gazeto”¹² aulas e diminuí as brincadeiras (Greta, 19 anos, aluna da 10ª classe, entrevista, Março de 2019).

Este pronunciamento é um dos exemplos que permite compreender que os alunos com uma visão lúdica da escola estão interessados em brincar, gazetarem as aulas e ficarem no “porão” a “baterem papo”, escutarem música e viverem momentos da “drenalina”, no lugar de estarem na sala de aulas.

Nas sextas-feiras torna – se mais difícil trabalhar no turno da tarde todos os corredores enchem de alunos que circulam e fazem barulho, em frente da sala 11, ou curtem drenalina no “porão¹³” sempre enche de alunos e como estaciono meu carro dá para sentir o mau cheiro de álcool, só sinto que estou a trabalhar e com pessoas com vontade de apreender, no turno de manhã. E o guarda que nem consegue controlar a situação e outros apanham “PPF” sentados no “porão” da escola (Helena, 39 anos, professora, conversa, Março de 2019).

Esta explicação tem similaridade com a acima descrita por ter as sextas - feiras como destaque no consumo de bebidas alcoólicas e o turno de tarde como o mais barulhento, mas defere porque este discurso traz o “porão” como um lugar que alberga mais alunos nas sextas-feiras e como onde os alunos bebem, urinam e perdem aulas sentados em consequência disso apanham “PPF”.

¹⁰ *Buer e Black* são nomes usados pelos participantes para designar alunos que sabotaram aulas durante uma semana e cometem indisciplina.

¹¹ *Bater papo* é um termo usado pelos participantes da pesquisa para designar conversar.

¹² *Gazetar* é um termo usado pelos participantes para referir ficar fora da sala de aulas no momento que a aula decorre.

¹³ *Porão* é um termo usado pelos participantes da pesquisa para referir o pavilhão da união geral onde os alunos que gazetam e bebem concentram-se.

Os alunos namoram, bebem e curtem a drenalina no ‘porão’, um dia um aluno bebeu ‘canã’ até sair espuma pela boca se não fosse a professora de matemática que acompanhou-o para hospital teria morrido e isso disseram no hospital que se tivesse ficado uma hora fora do hospital estaria morto (Pedro, 18 anos, aluno da 10ª classe, conversa, Novembro de 2018).

Esta conversa permite compreender que os alunos bebem, namoram e sentem a “drenalina” dentro do “porão” da escola, e que depois disso outros são levados para hospital pela professora por consumo excessivo de bebida de marca “cana”. Explico no exemplo a seguir que a ideia da “drenalina” é negociada assim como os dias de semana;

Nós combinamos beber nas quintas-feiras depois de educação física pode vir as 16horas, fora da escola porque tem drena, e se quer saber aonde venha com dinheiro de contribuição e nós só aceitamos sair com alguém que bebe a mesma bebida que a nossa, ‘loló’¹⁴ nada de 2M isso é só nas festas familiares com as tias (Eulália e Pedro, 18 anos, alunos da 10ª classe, conversa, Dezembro de 2018).

Esta narrativa permite perceber que a quinta-feira é um dia de semana que os alunos depois das aulas de educação física, prolongam a interacção fora da escola, negociam para beberem, e que o tipo de bebida no contexto da quinta-feira difere com o das festas familiares porque bebem “loló que tem mais “drena”.

Meus colegas bebem loló na sala de aula e conversam enquanto esperam a entrada da professora dentro da sala (...), eu já os vi fora da escola a beberem, se tivessem dito a DT¹⁵ seriam expulsos da escola mas combinamos ficar no silêncio (Elisabet, 18 anos, aluna da 9ª classe, entrevista, Outubro de 2018).

O discurso acima mostra que os alunos bebem na sala de aulas e fora da escola e negociam o silêncio entre eles, mesmo sabendo que o consumo de bebidas na escola é proibido simplesmente ficam indiferentes.

¹⁴ *Loló* é um termo usado pelos participantes da pesquisa para designar bebida alcoólica de marca Lord Gin.

¹⁵ DT é uma sigla usada pelos participantes da pesquisa para designar director de turma.

Nas sextas-feiras é difícil tirar alunos do porão, eles bebem e fazem xixi ali mesmo e, aquele lugar está criar danos, eles chegam no portão e pedem para entrarem na escola, e quando deixo entrar vão directamente para o porão, onde concentram-se (Bélique, 47 anos, guarda, conversa, Março de 2019).

Este pronunciamento permite perceber primeiro que os alunos negociam a entrada no recinto escolar com guardas, segundo a dificuldade dos guardas em tirarem os alunos no porão, e que os alunos atrasados para primeira aula, pedem ao guarda para entrar na escola com objectivo de irem conectarem-se no “porão”.

Os alunos comem pão e badjias molhado com bebida, compram fora e entram com plástico de pão e badjias, sentavam no passeio do bloco administrativo e comem e depois saiam agitados, pedi para que um deles da – se o pão e quatro deles fugiram pelo murro e dois deles explicaram o cheiro de álcool no pão, e explicaram que cortavam o pão e punham badjias depois molhavam com Zed, no local de venda (Bélique, 47 anos, guarda, conversa, Março de 2019).

A conversa com Bélique permite compreender que os alunos estão consciente da proibição de consumo de bebidas alcoólicas na escola e elaboram estratégias para contornar isso, e uma das estratégias é pôr a bebida no pão de modo a consumirem bebidas alcoólicas na escola.

A partir dos dados analisados nesta secção percebi que os alunos negociam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que designam “drenalina”. Este é um dos contextos que os alunos negociam os dias de semanas, o local e a hora para curtirem a sexta-feira e “drena”, o que beber nesse espaço da “drena”. Percebi também que os alunos colecionam dinheiro durante a semana para comprarem “G-boxs” e bebidas alcoólicas. As compras são feitas nas sextas-feiras ou nos dias que antecedem os feriados nacionais.

Adicionalmente a partir destes dados percebi que “drenalina” é a fantasia, são momentos descontraídos sejam em um simples lazer de fim-de-semana, ou no prazer de estar nessa diversão que outros desejam, são estes anseios dos alunos no quotidiano. Estes alunos criam espaço sociável que ocorrem práticas que designam “drenalina”, e

empenham-se em evitar aulas, ficar no porão com aparelhos sonoros “celular e G-box” a escutarem música, dançarem, conversarem, namorarem e beberem entre eles.

Permite compreender também, que “drenalina” e o consumo de bebidas alcoólicas, acontece durante a semana, mas frequentemente nas sextas-feiras e os dias que antecedem os feriados nacionais, e que a reflexividade da “drenalina” é caracterizada pela criação de uma distância existencial e de proximidade ao mesmo tempo, em relação à vida cotidiana dos participantes. A prática de ouvir celular conectado no “G-box” está disseminando-se entre participantes da pesquisa; acontecem até desafios entre alunos da ESGM e outras pessoas em frente da escola, na barraca branca e na barraca “Sassenta” para ver quem tem o aparelho que toca mais alto.

6. Considerações Finais

A presente pesquisa analisou experiências dos intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel” com a ideia de processo de interacção. A literatura sobre o assunto permite identificar três perspectivas de análise. A primeira analisa o que acontece na sala de aula. A segunda analisa o que acontece na escola e a terceira analisa o que acontece dentro e fora da escola. Se por um lado essa literatura permite compreender a interacção social dentro e fora da escola, por outro lado fica por compreender as negociações decorrentes dessa interacção dentro e fora da escola.

Diante dessas limitações, realizei uma pesquisa etnográfica entre intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel” com recurso a ideias de Amâncio (2013) e Chambisso (2017) compreendi que estudar interacção no contexto escolar vai além de olhar para o espaço físico da escola, mas sim seguir pontos de sociabilidade que os participantes do estudo estabelecem uns com os outros.

A partir dos dados que dão base as reflexões nesta pesquisa, compreendi que na interacção social entre intervenientes da Escola Secundária “Graça Machel”. Existe três tipos de negociação. Alguns alunos negoceiam estratégias de estudar e reterem a matéria para passarem de classe, outros negoceiam notas e formas de pagamento para passarem de classe no término dos trimestres e os últimos negoceiam o acesso a contextos em que ocorrem práticas que “drenalina”.

Quanto aos primeiros, que negoceiam estratégias de estudar, entender a matéria, tirarem boas notas nas provas, e passarem de classe que deixa-os perto do objectivo de terem emprego no estado. Os segundos, negoceiam notas e formas de pagamento, para passarem de classe e os terceiros que negoceiam o acesso a contextos que ocorrem práticas que designam “drenalina”.

Como moldura desse quadro que revela a interacção dos alunos com outros intervenientes da escola, chamam atenção as inúmeras ausências desses alunos na sala de aula, embora presentes nas dependências da escola. Percebi também que os alunos tendem a fluírem para determinados espaços dentro da escola – estar em seu pátio, na cantina, no rectângulo de desporto e seus arredores. Para eles, uma das grandes vantagens da escola é propiciar o encontro com os seus pares, com amigos e estarem na “drena”. É nela que trocam informações e impressões sobre os acontecimentos do seu

quotidiano, mostrando a importância que atribuem a outros espaços onde podem interagir entre eles, onde podem viver suas diferenças, serem mais autónomos, partilhar medos, anseios e desejos.

O presente estudo é de carácter exploratório, e abre novas linhas que podem ser aprofundadas nas futuras pesquisas. A título de exemplo futuros estudos podem aceder a narrativas dos funcionários, da direcção da educação da cidade de Maputo, do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação e documentos dessas instituições sobre o processo de elaboração e implementação dos “currículos”.

Referências

Alto, C. Pinheiros, A. Álvés, P. 2009. “Processo de negociação”, técnicas de compras. Editora FGV. Rio de Janeiro.

Amâncio, H. P. 2013. “ A escola como «mercado de trocas» extra-pedagógicas; um estudo sobre os processos de construção de sucesso escolar numa escola na cidade de Maputo”. Licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

Aquino, J. G. 1996. *Confrontos na sala de aula uma leitura institucional da relação professor - aluno*. São Paulo: Summus.

Bourdieu, P. 1996. Espaço social e espaço simbólico. *In: Razões práticas. Sobre a teoria da acção*. Campinas, SP: Papirus, pp:107-120.

Blumer, H. 1969. “Interaccionismo Simbólico: Perspectiva e Método”. Englewood Cliffs/New York: Prentice-Hall.

Brito, C. 2013. *A escola como cenário de interação social e local de empreendimentos éticos*. Ciências e cultura, 46 (3): 267-282.

Carvalho, A. M. P. 1986. “Estudo descritivo da interação professor-aluno: uma abordagem Individualizada”. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Campenhoudt, L. 2001. *Introdução á análise dos fenómenos sociais*. Paris: Gradiva

Chambisso, J. A. 2017. “Fazer sucessos na escola: Experiências de notoriedade e visibilidade entre grupos de alunos da Escola Comunitária Santo António da Malhangalene”. Licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

De Laplane, A. L. F. 1998. “Interação e silêncio na sala de aula”. *Cadernos Cedes*, ano XX, 1 (3): 55- 69, Abril.

Domingos, A. M., Barradas, H., Rainha, H., Neves, I. P. 1986. “A Teoria de Bernstein em Sociologia da Educação”. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Escallier, C. 2004. “Arquitectura escolar e identidade: o espaço pedagógico como instrumento de aprendizagem”. PED402.

Fernanda, C. J. 2009. “Entre interações e violências: A percepção dos actores sociais a respeito de seu quotidiano escolar”. *33º Encontro anual da ANPOCS*. São Paulo-SP, pp: 1-30.

Freire, F. 2000. “A interação professor-aluno e suas implicações pedagógicas”. *UNOPAR Científico, Ciências Humanas da Educação, Londrina*. 1 (1): 115-121, Junho;

Freire, P. 1987. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gadea, C. A. 2013. “O Interaccionismo Simbólico e os estudos sobre cultura e poder”. In: *Revista Sociedade e Estado*. 28: 241-255.

Gadotti, M. 1999. *Convite a leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione.

Gil, M.S.C.A. 1990. “Análise funcional da interação professor-aluno: um exercício de identificação de controle recíprocos”. Tese de Doutorado em Psicologia Educacional – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Interacção in: *Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa*. 8ª Ed. Porto Editora, 1999.

Maciel, D. A. Raposo, M. 2005. “As Interações Professor - Professor na Co- Construção dos Projectos Pedagógicos na Escola”. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Set-Dez 2005. 21 (3): 309-317.

Martins, J. C. 2015. “Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula”. In *Reconhecer e Desvendar o Mundo*. pp: 111-122.

- Mollo, S. 1969. *A escola como espaço de interacção professor – aluno*.
- Müller, L. S. 2002. “A interacção professor–aluno no processo educativo”. *Revista Integração*, USJT-SP, ano VIII, Novembro, (31): 276 – 280.
- Lopes, C. H. A; Jorge, M. S. B. 2005. *Interaccionismo simbólico e a possibilidade para o cuidar interactivo em Enfermagem*. São Paulo: USP. 39 (1): 103-108.
- Palma, G. 2004. “O interaccionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos”. In: *Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos*. Bauru (SP).
- Peirano, M. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Domará.
- Perrenoud, P. 1995. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Ribeiro, L. C., Bregunci, M. das G. de C. 1986. *Interacção em sala de aula: questões conceituais e metodológicas*. Belo Horizonte : UFMG.
- Silva, Aida M. 2002. “Da Didáctica em Questão às Questões da Didáctica”. *Currículo e Saberes Escolares X ENDIPE*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: CANDAU, Vera Maria (org). DP&A, pp.187-197.
- Simmel, G. 1940. “As formas sociais como objeto de sociologia”. In Barreto, R. e Willems, E. (Orgs.). (Companhia Editora Nacional). *Leituras sociológicas*. São Paulo.
- _____.1990. *Sociologie et épistemologie*. Paris, PUF.